

Prefácio

Foi a rara sensibilidade sempre presente no trabalho da professora Telma Anita Piacentini, que propiciou a publicação deste número da Revista **Perspectiva**, voltada para a Infância e o Brincar, tomando como pano de fundo o contexto da Modernidade.

Dar relevo ao tema da brincadeira na Infância já é um ato de resistência na discussão educacional, onde uma visão produtivista é cada vez mais acentuada, mesmo em se tratando da educação nos primeiros anos das nossas crianças. A extrema racionalização, muitas vezes insensível e amortecedora, presente nos processos educativos, não toma como ponte de apoio uma efetiva reflexão sobre a Infância, mas sim aquilo que o marketing define no interior de um mundo mercantilista.

É na direção desta resistência, que procura apoiar uma dimensão de vida na qual cabe também o sonho, a criatividade e a utopia, que se coloca hoje o grande desafio para pensar a Infância, e nela, as suas atividades. Este desafio é empírico e também metodológico; é histórico e também teórico, porque exige, para o mundo contemporâneo, novos conceitos, outras categorias e mesmo diferentes interpretações do conhecimento. O percurso desta publicação é um roteiro complementar: vai nos introduzindo, pouco a pouco, através de seus múltiplos enfoques, na decodificação/codificação que aponta para novos horizontes.

Novas codificações para ampliar o conhecimento vão emergindo, situando o leitor / educador frente a uma “infinita abertura de possíveis”*, presente na educação da criança contemporânea, onde o local e o particular precisam a todo momento ser recriados no contraponto com o universal. Hoje, “ todos os lugares são mundiais, mas não há um espaço mundial. Quem se globaliza mesmo, são as pessoas e os lugares ” (Milton Santos). Não é outra a preocupação da autora (também organizadora da publicação) com o texto *A modernidade. Uma visão isola /ilhada*,

* Esta expressão é de Mônica Fantin no seu importante estudo “Jogo, Brincadeira e Cultura na Educação Infantil”, orientado pela Profa. Telma A. Piacentini e defendido como Dissertação de Mestrado/CED/UFSC/1996.

10 • Leda Scheibe

onde, tomando significativos autores como Benjamin, Habermas, Jameson e Lyotard, entre outros, o cenário da modernidade é descortinado, colocando-se aos leitores toda a sua complexidade.

Ao lado desta preocupação com o contexto mais amplo, a conceituada autora italiana Egle Becchi, no artigo *Retórica de Infância*, coloca em questão “o estereótipo do desequilíbrio e da unidirecionalidade da comunicação entre adulto e imaturo”. É um mergulho na metaforização da infância através do qual a autora reflete sobre o conhecimento do não-adulto, para além das figuras retóricas. Já em *Semânticas da Infância*, Carlo Pancero, também ilustre e italiano, da Universidade de Ferrara, introduz, através da história das mentalidades, outras interpretações das relações adulto / não adulto, que o levaram a concluir que a “falta de reconhecimento da infância em longos séculos do nosso passado tem efeitos devastadores de automenosprezo que se revelam inaceitáveis”

Didático e esclarecedor, o artigo da professora Tizuko Morchida Kishimoto, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, é uma ponte para a preocupação mais especificamente pedagógica, constituindo-se num texto de leitura obrigatória para o entendimento de conceitos abrangentes do jogo, do brincar e da brincadeira: acrescenta-se aqui, aos conteúdos anteriores, a configuração histórica dos paradigmas sobre o jogo infantil.

Ana Maria Faraco de Oliveira, professora do Colégio de Aplicação da UFSC, focaliza, no seu artigo, interpretações sobre a extensão e influências do brincar no desenvolvimento da criança. Este texto aponta para o artigo seguinte, onde o desenvolvimento do conteúdo social do brincar e reflexões sobre sua implicação para a educação são o alvo do exercício metodológico apresentado por Silvia Zanata da Ros, professora do Centro de Educação da UFSC. Tomando como objeto de estudo a brincadeira “O Gato e o Rato”, procedeu a um estudo de significado das ações e dos elos de relações entre os papéis aí representados. De forma bastante original, o seu artigo consegue demonstrar como o produto das relações entre os homens se faz conteúdo, mesmo nas diferentes formas de brincar.

O nosso percurso se encerra com o artigo escrito por Marlene de Souza Dozol, também professora do Centro de Educação da UFSC. Ao relatar a sua experiência com o Programa de Desenvol-

vimento Infantil mantido pelo Serviço Social de Indústria de Santa Catarina, a autora aponta para as possibilidades de brincar “com a Arte”. Não apenas nos limites da ação sensório - motora e sobre objetos materiais: mas também apreciando e reinterpretando obras de arte produzidas por pintores clássicos.

Cada leitor analisará e avaliará esta publicação em função das suas próprias motivações de leitura. O importante é que as reflexões aqui colocadas possam estimular o desenvolvimento de outros estudos e, acima de tudo, um olhar mais compreensível sobre a infância e a sua atividade mais expressiva: o brincar.

Leda Scheibe

Florianópolis, julho de 1996.